



AFEGANISTÃO

Dilemas de sobrevivência

Grupo fundamentalista Talibã completa um ano no poder insistindo em medidas criticadas pelo Ocidente, como as restrições impostas às mulheres, e com o país afundado em crises econômicas e humanitárias que parecem insolúveis sem ajuda externa

Às vésperas de completar um ano no poder, os talibãs deram ontem mais uma demonstração do quanto a tentativa de se aproximar do Ocidente — o que poderia amenizar a crise financeira e humanitária em que o Afeganistão está afundado — é dificultada pela forma repressiva com que comandam o país. Mulheres que exigiam direitos ao trabalho, à liberdade e à educação — enfraquecidos quando o grupo fundamentalista islâmico entrou na capital, em 15 de agosto de 2021, e tomou o palácio presidencial — foram, ontem, dispersadas, em Cabul, com coronhadas e tiros para o alto.

Enquanto alguns líderes se vangloriam da adoção de medidas que resultaram em um novo tipo de regime, para muitos observadores, as mudanças até agora são superficiais. “Há alguns casos em que poderíamos apontar para uma evolução política, mas sejamos claros (...) ainda estamos na presença de uma organização que se recusa a deixar para trás algumas visões dogmáticas muito retrógradas”, avalia Michael Kugelman, especialista em Afeganistão no think tank Wilson Center. A exclusão das mulheres do funcionalismo público e as restrições quanto à presença de meninas nas escolas são algumas das práticas criticadas.

No protesto de ontem, cerca de 40 mulheres gritavam “Pão, trabalho e liberdade!” e desfiliavam em frente ao Ministério da Educação com faixas com dizeres como “15 de agosto é um dia sombrio” e “Justiça, justiça. Estamos fartas da ignorância”. Minutos após o início da marcha, um grupo de combatentes as dispersou disparando rajadas de tiros para o ar. Algumas manifestantes se refugiaram em lojas próximas, mas foram perseguidas e agredidas com coronhadas.

“Infelizmente, os talibãs que fazem parte dos serviços de inteligência vieram e atiraram”, contou à agência France-Press de notícias (AFP) Zholia Parsi, uma das organizadoras da manifestação. “Eles dispersaram



Protesto de mulheres na capital, Cabul, foi interrompido por homens armados: tiros para o alto e coronhadas

as meninas, arrancaram suas faixas e confiscaram os celulares de muitas delas”, acrescentou. Esse tipo de protesto tem sido cada vez mais raro na capital, especialmente após a prisão, no início do ano, de várias organizadoras. Além da agressão às manifestantes, jornalistas que cobriram a manifestação foram espancados.

Desde a volta ao poder, os talibãs têm restringido direitos conquistados pelas mulheres nos últimos 20 anos, após a queda do regime anterior (1996-2001). Uma série de restrições foram impostas à sociedade civil, muitas das quais destinadas a submeter as mulheres à concepção fundamentalista do Islã. Na última medida do tipo, anunciada no início de maio, um decreto aprovado pelo líder supremo Hibatullah Akhundzada tornou obrigatório que as mulheres cubram totalmente o corpo

e o rosto em público. O grupo também determinou que, a menos que tenham uma razão convincente para sair, é “melhor que elas fiquem em casa”.

Nos últimos meses, as Nações Unidas e grupos de direitos humanos têm criticado o governo talibã por impor restrições às mulheres. A Human Rights Watch pediu que os fundamentalistas “revertam sua decisão horrível e misógina” de banir as mulheres da educação. “Isso enviaria uma mensagem de que o Talibã está disposto a reconsiderar suas ações mais hediondas”, disse Fereshta Abbasi, pesquisadora da organização internacional sobre o Afeganistão.

Pobreza e desespero

Somam-se às medidas repressivas às mulheres as dificuldades em decorrência das crises humanitária, financeira e econômica que assolam o país. Milhões de afegãos vivem na pobreza — acentuada pela seca e pelo aumento de preços desde o início da invasão da Rússia à Ucrânia —, muitos se endividaram pela primeira vez no último ano, e algumas famílias desesperadas tiveram que escolher entre vender suas filhas ou seus órgãos. Segundo pesquisa realizada pelo Programa Mundial de Alimentos (PMA), 90% das famílias têm insuficiência de comida para o consumo diário, segundo o Programa Mundial de Alimentos (PMA).

90%

das famílias afegãs têm insuficiência de comida para o consumo diário, segundo o Programa Mundial de Alimentos (PMA)

Os problemas econômicos



Há uma parte que promove o que considera reformas, e outra parte que parece pensar que mesmo essas poucas reformas são demais”

Ibraheem Bahiss,
analista de Afeganistão do International Crisis Group

começaram muito antes do retorno do Talibã. Porém, a mudança de poder deixou o país e seus 38 milhões de habitantes em uma situação ainda pior. Os Estados Unidos congelaram US\$ 9,5 bilhões (cerca de R\$ 48,23 bilhões) em ativos do Banco Central, o setor financeiro entrou em colapso e a ajuda externa, que representava 45% do PIB do país, foi subitamente cortada. Apesar de o grupo fundamentalista aceitar ajuda externa, nações se recusam a oferecer dinheiro, já que não sabem se ele será realmente usado para a finalidade que desejam.

Quando retomaram ao poder, líderes do Talibã afirmaram que haveria mudanças com relação ao regime anterior. Para analistas, as medidas tomadas até o momento foram “simbólicas”, apenas para bajular o Ocidente, que financiou o país nos últimos 20 anos, e como tentativa de não se isolar do

sistema financeiro global. “Há uma parte que promove o que considera reformas, e outra parte que parece pensar que mesmo essas poucas reformas são demais”, explicou, à AFP, Ibraheem Bahiss, analista de Afeganistão do International Crisis Group.

Segundo Abdul Hadi Hammad, membro do conselho religioso próximo ao líder supremo afegão, as decisões tomadas por Akhundzada até agora “são todas baseadas na opinião de estudiosos religiosos”. “As necessidades dos afegãos são as mesmas de 20 anos atrás”, afirmou Mohammad Omar Khitabi, outro colaborador do líder supremo. “Nosso povo não tem muitas demandas, como as pessoas de outros países podem ter.”

CASO SALMAN RUSHDIE

Crime foi premeditado, diz promotoria

Suspeito de esfaquear 10 vezes o escritor Salman Rushdie, Hadi Matar, um homem de 24 anos de Nova Jersey, esteve ontem no Tribunal do Condado de Chautauqua, em Mayville, onde foi acusado de tentativa de assassinato em segundo grau e agressão com arma. Promotores disseram que o ataque foi premeditado e direcionado. Matar viajou de ônibus para o retiro intelectual no oeste de Nova York e comprou um passe para assistir à palestra que Rushdie daria na manhã de sexta-feira, segundo os promotores. Na audiência, ele apresentou uma declaração de inocência.

Uma revisão inicial da aplicação da lei das contas de mídia social de Matar mostrou que ele era simpático ao extremismo xiita e à Guarda Revolucionária Islâmica

do Irã (IRGC), embora nenhuma ligação definitiva tenha sido encontrada, de acordo com a NBC New York. O IRGC é uma facção poderosa que controla um império empresarial, bem como forças armadas e de inteligência de elite que Washington acusa de realizar uma campanha extremista global.

Rushdie, de 75 anos, teve ferimentos no pescoço e no abdômen, os nervos de um de seus braços gravemente danificados, o fígado atingido e “provavelmente perderá um olho”, revelou Andrew Wylie, agente do escritor. Até o fechamento desta edição, ele permanecia internado em estado grave, com respiração assistida, na Pensilvânia.

O escritor vive sob ameaça de morte desde 1989, quando

o então líder espiritual do Irã, o aiatolá Rouhollah Khomeini, emitiu um decreto religioso (fatwa) ordenando que os muçulmanos o matassem após a publicação do livro *Os Versos Satânicos*, considerado uma blasfêmia pelos muçulmanos.

Repercussão

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, condenou o “ataque feroz” contra o escritor britânico. Em comunicado, Biden elogiou Rushdie por sua “recusa a ser intimidado e silenciado” e disse que, junto com sua esposa, Jill, e “os americanos e as pessoas de todo o mundo”, estava orando por sua “saúde e recuperação”.

Após o atentado, as vendas de livros de Salman Rushdie,

especialmente o polêmico romance, aumentaram. Na tarde de ontem, três edições da obra encabeçavam o barômetro de livros da Amazon, que marca o ritmo de livros vendidos nas últimas 24 horas. Seu primeiro best-seller, *Os Filhos da Meia-Noite*, ocupava a quarta posição. Na livraria Strand de Nova York, diversas obras de Rushdie estavam entre as mais procuradas pelo público, sem contar os pedidos pela internet. “As pessoas chegam e buscam qualquer um de seus livros, querem saber quais temos”, disse à agência France-Press de notícias (AFP) Katie Silvernail, responsável por uma das seções da livraria.

Livro e autor continuam suscitando forte rejeição no Irã. No principal mercado de livros de



Escritor foi levado às pressas ao hospital depois de ser esfaqueado

Teerã, diante do questionamento da AFP, ninguém se atreveu a condenar abertamente o esfaqueamento. Um dos jornais conservadores do país publicou que o “pescoço do demônio” havia sido “cortado por

uma faca”. No Paquistão, um porta-voz do partido Tehreek e Lalbaik Paquistão, que organizou protestos violentos contra o que considerava blasfêmias antimuçulmanas, disse que Rushdie “merecia ser morto”.